

## Considerações Finais

Ao longo das páginas deste trabalho, colocamo-nos algumas questões referentes à reflexão e ao exercício de parâmetros contemporâneos que são incorporados às relações de namoro. Escolhemos como cenário para a investigação que deveria trazer algumas respostas ou indicadores às nossas indagações, a cidade do Rio de Janeiro. E, mais particularmente, encontramos entre o universo das camadas médias, representado por um grupo de dezoito pessoas, com idades entre 20 e 35 anos, a nossa fonte frutífera de informação, inspiração e reflexão. O conteúdo das narrativas expressas por essas pessoas, ou melhor, por esses nove casais, foi fundamental para que dialogássemos com uma literatura extensa e generosa a que tivemos acesso antes que se iniciasse a pesquisa, sobre a temática das relações amorosas desde o começo dos tempos modernos. Essa conjugação dos dados teóricos com os dados empíricos enriqueceu e nos facilitou o processo de análise da pesquisa.

É preciso dizer, que, assim como já adiantava a literatura recente referente ao tema das relações amorosas, nos deparamos com um universo extremamente rico, plural, dinâmico e multifacetado de impressões e parâmetros relacionais. Isso não significa que o grupo tenha se inserido somente em modelos absolutamente atuais, pois houve importantes referências a paradigmas tradicionais, sobretudo no que se refere às representações de gênero. Nesse sentido, alguns entrevistados se reconheceram dentro desses padrões tradicionais, que compreendiam tanto concepções sobre os papéis de homens e mulheres no relacionamento amoroso, como expectativas em torno do conteúdo simbólico específico a cada um dos gêneros, que deveria informar os comportamentos em função do sexo em quaisquer áreas da vida. Esse dado não anulou, contudo, a validade e a relevância dos modelos contemporâneos de relacionamento para o grupo. Na verdade, encontramos um arranjo de sobreposições entre o contemporâneo e o tradicional, inscritos em níveis dissociados das subjetividades. Isso nos levou a entender que, para além da idéia de contradição, havia uma conciliação de padrões

diversificados. Uma posição, longe de anular a outra, se inscrevia numa busca minuciosa por encontrar um diagrama ideal para o relacionamento de namoro, no contexto atual de mundo globalizado, que, como afirma Bauman (2004, 2008) aponta para a volatilidade, efemeridade e ambivalência das relações pessoais. A conquista da perenidade do namoro e a projeção do casamento, metas defendidas enfaticamente pelo grupo, pareciam depender justamente desse arranjo meticuloso, polivalente e singularizado, que detinha a marca pessoal de cada informante e de cada relação amorosa ali representada.

A teoria de Lazzarato (2006), inspirada na obra de Deleuze, nos foi particularmente útil na compreensão de um mecanismo que é abstratamente definido como “filosofia do acontecimento”, e que foi fundamental para o esclarecimento dessas novas composições. A partir dessa teoria, entende-se que o possível pode se constituir de dois modos. Primeiramente, de uma reificação de imagens previamente produzidas da realidade como as expressas pelas oposições binárias homem/mulher, natureza/sociedade, trabalho/lazer, e assim por diante. A passagem do possível ao real, que agrega o novo, contudo, e que interessa aos resultados de nossa pesquisa, é moldada por uma orientação do pensamento e da ação *não mais* determinada unicamente por alternativas preconcebidas, de tipo ou/ou. Essa perspectiva aponta para a produção e criação constante de novas possibilidades de vida, e de modalidades de sobreposição de modelos do tipo e/e. Em lugar da escolha necessária por uma das dicotomias, incorporam-se múltiplos padrões, que se constituem num quadro novo, original. E a produção da realidade que resulta no novo e no singular ocorre no decurso do acontecimento ou da relação. O acesso a essa teoria foi importante para que apreendêssemos o significado de algumas formulações narradas pelos entrevistados. Encontramos, entre os discursos, essa produção de visões com caráter de singularidade, que era construída sempre em referência à própria relação amorosa da qual fazia parte o informante. E esse foi um dos dados mais interessantes e complexos com o qual nos deparamos no decorrer da pesquisa.

Outra questão marcadamente contemporânea que as entrevistas nos revelaram foi a da centralidade da amizade enquanto modelo, fundamento e referência para as relações amorosas. Ao sentimento amical conferiu-se a função de sustentação e solidificação do vínculo do casal de namorados. Dele dependia

em parte também a conquista de uma meta significativa para os informantes de que suas relações amorosas se estendessem pelo tempo, se constituindo posteriormente num laço conjugal. A perenidade, enquanto ideal, dependeria consideravelmente da amizade entre os parceiros, sem a qual, elementos como confiança, cumplicidade, respeito, prazer na convivência e reciprocidade tenderiam a se deteriorar e provocar o rompimento do vínculo. Aliás, os elementos que compõem a gramática relacional do namoro, segundo a impressão dos informantes, pareciam se apoiar e se sustentar reciprocamente. A degradação de um poderia levar fatalmente à deterioração de outro e conseqüentemente de todo o conjunto de referenciais que organizam a relação de namoro. A amizade, nesse sentido, foi um dos elementos do qual a relação amorosa não poderia prescindir. Em uma escala de prioridades ela só estaria atrás do sentimento amoroso, embora, para alguns, ela devesse ser estabelecida entre o par antes mesmo deste. A expressão “amor-amizade” cunhada por Sofia Aboim (2006), socióloga portuguesa, nos pareceu adequada para expressar o paradigma de relacionamento centralizado não apenas em torno do sentimento de amor, mas igualmente do de amizade, de acordo com a representação do grupo. E, para além da questão afetiva, a amizade, se revelou, sobretudo sob a forma de modelo relacional. Os elementos que a compõem, e a lógica interacional que ela engloba, foram referenciados diversas vezes pelos entrevistados. Assim, não se trata apenas de conquistar a amizade na forma de afeto, mas principalmente de estabelecê-la como um mapa de orientação para a convivência do casal. Dentro dessa representação, a amizade-modelo-relacional, composta por elementos como companheirismo, lealdade, reciprocidade, troca, conversa, cumplicidade, confiança e respeito é um dos fundamentos indispensáveis à permanência e constante reafirmação do vínculo. A partir das narrativas sobre amizade, constatamos uma gratuidade de sentido contida na noção de namoro, quando destituído de suportes como a amizade. Esta, enquanto sentimento, e principalmente enquanto paradigma relacional assume em parte o papel de produzir significado ao vínculo de namoro, e de possibilitar a continuidade da relação. Acreditamos que isso esteja ocorrendo em função da efemeridade contemporânea das relações amorosas. Os sujeitos passam, então, a buscar em outros modelos relacionais a chave para a conquista de relacionamentos mais estáveis e duradouros, sem que haja prejuízo para o bem-estar individual. O ideal

em torno de um amor eterno, descrito por Bauman (2008) e Lipovetsky (2007) parece constituir uma referência importante para os casais que entrevistamos, embora, ironicamente, o amor dependa de outros sentimentos e relações, sobretudo da amizade entre os parceiros.

A contraposição entre as questões amical e sexual foi um dado inesperado que apreendemos do discurso de alguns informantes. Se a amizade é capaz de conferir um caráter especial, único à relação amorosa, realçando a singularidade dos indivíduos, o sexo não possui qualidades fundamentais, que justifiquem a criação do vínculo de namoro. De acordo com Bauman (2008), com a dissociação entre sexo, erotismo e amor no mundo contemporâneo, o prazer deixa de estar ancorado no sentimento amoroso, e torna-se independente de qualquer laço de união entre um casal. O sexo e o erotismo passam a ser os medidores por excelência dos envoltivos efêmeros que enaltecem a flexibilidade das relações. Com isso, deixam de conferir significado a uniões que se pretendem mais duradouras e alicerçadas no amor. Curiosamente, em nossa pesquisa, não somente o amor, mas a amizade detinha a capacidade de imprimir sentido ao laço de união do casal, que o sexo por si não poderia. A facilidade de acesso ao sexo no contexto contemporâneo foi a razão apontada pelos entrevistados para justificar essas impressões.

Em contraste com a amizade, a importância do sexo se esvaziou, porém, quando passamos à problematização da fidelidade, um novo remanejamento se operou frente a esta dimensão. Ou seja, o aprofundamento da abordagem da fidelidade acabou por nos conduzir para o âmbito de uma crucial dissociação revelada entre amizade e monogamia. Ao abordarmos o primeiro tema, a questão sexual teve sua importância diminuída, e os valores e paradigmas contemporâneos adquiriram a primazia. A discussão da fidelidade, contudo, enfatizou os valores e paradigmas tradicionais, a partir dos quais se revelou uma preocupação com a dimensão sexual da infidelidade, e uma ênfase no modelo monogâmico.

Um dos questionamentos principais que nos fizemos antes que se iniciasse a pesquisa dizia respeito ao papel e à importância da fidelidade numa relação de namoro. A centralidade da questão ficou clara pela extensão das falas, pelo conteúdo das argumentações, e pela diversidade de representações produzidas. Imagínávamos que encontraríamos uma definição de fidelidade atrelada a uma

lógica associativa contemporânea baseada em princípios de negociação e flexibilidade. Assim, a fidelidade estaria menos fundamentada na defesa de um padrão monogâmico. Sua marca seria a síntese de outros sentimentos e valores, que deveriam ser englobados por ela. A despeito da variedade de representações que encontramos sobre o tema na pesquisa, contudo, a mais recorrente tradução da fidelidade foi mesmo dada pela observância da regra de monogamia. Se a palavra lealdade é capaz de incorporar um ideal que passa por questões cotidianas como conversa, cumplicidade, sinceridade, para o qual Heilborn já chamara atenção (2004), o termo fidelidade é referenciado, sobretudo em uma relação de oposição à idéia de traição. Nesse sentido, o que se destaca é mesmo a fidelidade de natureza sexual, à qual Foucault (1988c) fizera menção. Como aponta o autor, a reciprocidade nas questões de fidelidade passa a ser essencial para a construção das relações amorosas, principalmente a partir da emergência da modernidade, e perpassa uma lógica informada pela vinculação entre sexualidade e sentimento. Esse quadro é exatamente contrário ao que Bauman traçou, quando afirmou que sexo e amor estão se dissociando na contemporaneidade. Talvez seja pelo fato de existirem esses dois modelos sociais que estabelecem parâmetros contrários para a relação sentimento/sexo, que o último foi esvaziado quando o tema da pesquisa era amizade, e ganhou destaque posteriormente quando o assunto era fidelidade. Afinal, a fidelidade sexual e afetiva foi tida como indispensável à garantia do bem-estar da relação, e à manutenção de um dos elementos mais importantes da relação de namoro: o vínculo de confiança. A ela também foi outorgada a função de resguardar o encantamento mútuo que uniu o casal. O seu rompimento leva, principalmente na visão feminina, à “quebra” dessa qualidade fundamental, podendo também ser uma fonte de “poluição” de uma dimensão “mágica”, imprecisa e frágil do relacionamento, e que, por isso, deve ser bem resguardada. Esse discurso de conteúdo simbólico foi acentuado por algumas informantes logo que o tema se apresentou. Esses dados revelam o grau de importância que a fidelidade adquire tanto na preservação dos laços de confiança e reciprocidade fundamentais aos parâmetros relacionais que encontramos, quanto na síntese das qualidades de sedução recíproca que inicialmente uniram o par. A fidelidade em sua função sintetizadora, apontada por Simmel (2004) foi um parâmetro proeminente na narrativa do grupo.

Quando nos voltamos para a problematização em torno dos temas dos projetos profissional e da díade amorosa, novas questões foram levantadas, sobretudo no que se refere ao balanceamento entre as intenções de investimento nos objetivos individuais e naqueles que envolvem o namoro. O grupo, de uma maneira geral, demonstrou ter como meta uma divisão igualitária entre profissão/carreira e relação amorosa. A fase da juventude, contudo, que coincide com a da relação de namoro, normalmente corresponde a um momento inicial da carreira em que a dedicação a esta se torna imprescindível para a conquista de estabilidade, independência e reconhecimento profissional. Por essa razão, alguns informantes justificaram a distribuição de seu tempo e esforços de modo majoritário em função da profissão. Abdicar desse investimento pode gerar perdas irreparáveis de oportunidades de progresso nessa área da vida. As mulheres se mostraram mais dispostas que os homens a renunciar a alguns pequenos interesses profissionais cotidianos em função do relacionamento, embora, da mesma forma que eles, tenham enfatizado a importância da carreira para a conquista do bem-estar individual. Por outro lado, elas também foram maioria entre os entrevistados que se posicionaram a favor prioritariamente da profissão em detrimento do namoro. Essa polarização entre as posições femininas, nos leva a entender o quanto o quadro referencial que informa as escolhas, as opções das mulheres, hoje se tornou elástico e flexível, afastando-se dos modelos rigidamente estabelecidos. Esse dado é reforçado ainda pela ênfase na ideia de juventude como uma fase que permite escolhas devotadas à busca majoritária pela satisfação pessoal, esteja ela ancorada nos ideais amorosos, profissionais ou de ambas as esferas. Essas escolhas são feitas, sobretudo, em benefício da individualidade, em contraste com fases posteriores da vida, que convergem com compromissos de casamento, família e de carreira estabelecida, e que oferecem menores chances para as opções radicais a favor das metas individuais.

Ficou claro na pesquisa que mesmo para aquelas pessoas que conferem ao campo amoroso uma dimensão principal num quadro de prioridades, o tempo dedicado ao aperfeiçoamento profissional é maior durante uma relação de namoro. Esse fato, contudo, foi associado a uma questão de escolha conjuntural, e não a uma meta de vida. Se numa relação de namoro os interesses pessoais são proeminentes, numa fase de casamento esse fator tende a se inverter. A profissão,

enquanto fonte fundamental de autonomia, independência, prazer e satisfação, elementos de grande valor no contexto contemporâneo, é, entretanto, indispensável à conquista da tão almejada felicidade individual, tanto na visão dos homens quanto das mulheres. Nesse sentido, algumas entrevistadas ressaltaram que a falta de autonomia financeira da mulher frente ao homem na relação amorosa hoje, termina deteriorando o vínculo, já que o laço de dependência material tende a se sobrepor ao laço afetivo, que normalmente justificaria a opção pela manutenção do relacionamento. A categoria de “amor confluyente” de Giddens (1991) nos ajuda a entender essa perspectiva de igualitarismo entre os gêneros já que tanto a divisão de afetos, como de atribuições e direitos deve ser simetricamente partilhada entre eles.

A delicada relação entre valores e metas individuais/valores e metas fusionais, que se apresentou quando abordamos o tema do projeto profissional, justamente em função de um desequilíbrio em favor do “eu” em detrimento do “nós”, foi amenizada pela discussão do projeto do casal. De certo modo, nos pareceu que essas duas perspectivas de planejamento direcionadas para o indivíduo por um lado e para a díade por outro, se complementavam, tornando mais moderados os conflitos produzidos na relação do casal, principalmente em razão da priorização dos projetos individuais. O namoro, em comparação com o casamento, foi representado como um modelo de relação que admite um maior grau de autonomia, independência e individualização dos parceiros. Esse dado, contudo, não impede que ocorram divergências entre as expectativas destes em torno dos planos de escopos diversos. Os projetos da díade, principalmente futuros, que valorizam o vínculo, o comprometimento com a perenidade do relacionamento, a dedicação dos namorados entre si, equilibra subjetiva e simbolicamente os conflitos produzidos pelas intenções mais imediatas, devotadas, sobretudo aos interesses pessoais ligados ao universo profissional. E, segundo a idealização do grupo, no casamento essa lógica de prioridades tende a se inverter, através de um enaltecimento maior dos valores e metas do casal e da família. Com isso, as tensões devem se direcionar, inversamente do que ocorre no namoro, para uma defesa dos objetivos do indivíduo, subsumidos nos do casal e da família. O casamento, dentro dessas perspectivas, revelou-se uma referência fundamental para o casal de namorados. E a transferência subjetiva para o

casamento de metas não alcançadas no namoro, foi um fator importante para o equilíbrio e para a amenização de tensões próprias do desbalanceamento entre o fusional e o individual, contidos no namoro.

As argumentações que sustentaram a importância do projeto da díade, curiosamente, foram fundamentadas por um pragmatismo que superava a perspectiva de construção do afeto. Expressou-se, inclusive a necessidade de uma exposição recíproca de intenções por parte dos parceiros com relação ao futuro da união, após um período inicial de aproximação, e quando se manifestasse entre eles, de forma mais contundente, o desejo de fazer a união perdurar. Quando a relação alcança um patamar em que o compromisso entre o par esteja solidificado, a troca subjetiva em torno dos planos e metas tanto individuais quanto do casal deve funcionar como um medidor das intenções de cada um dos parceiros. Se essas metas forem diferentes, e, sobretudo incompatíveis, o vínculo deve ser rompido, mesmo em face da presença dos sentimentos de amor e amizade. Os entrevistados elencaram idéias como “perda de tempo”, “ausência de sentido”, “desperdício de energia” para justificar a decisão de terminar uma relação sem objetivos comuns do par para o futuro. Novamente, temos um esvaziamento do significado do namoro em si mesmo. Sem os projetos futuros do casal, mais uma vez ele perde sua razão de existir.

Os mecanismos instrumentais de negociação tornam-se fundamentais nessa troca subjetiva que visa a determinação de um sentido para a permanência da relação. Os sentimentos, enquanto não alicerçados nas intenções partilhadas, perdem seu significado inicial de razão principal para a afirmação da vontade, assumida entre os parceiros, de se constituir enquanto um casal. Uma espécie de “consciência pragmática” e um certo ceticismo em relação à visão romântica de que o amor e outros sentimentos são capazes de sustentar o relacionamento ao longo do tempo, perpassaram o imaginário da maior parte do grupo, quando a importância dos projetos do casal foi discutida. Como afirma Aboim (2006), o casal começa mais cedo a se constituir com um “nós” através da formulação em comum de projetos. Essa questão expressa também o dilema enunciado por Salem (2007) contido na fórmula *unidade de dois*. A conciliação entre perspectivas e metas de cada um dos indivíduos singulares, autônomos e independentes que compõem a díade, com as perspectivas e metas que cumprem o papel de transmitir

ao par uma equação de unidade integrada, torna-se muitas vezes conflituosa. No caso do namoro, como há um destaque maior para as individualidades do que para a unidade-casal, as tensões se dirigem à busca e até a exigência de um equilíbrio em favor do relacionamento, às quais o projeto da díade vem responder.

Uma outra questão importante que se destacou dessa discussão esteve contida nas noções de seriedade e compromisso. A disposição para a elaboração de projetos do casal presentes ou futuros foi um fator de determinação do maior ou menor grau de comprometimento com o relacionamento e com o parceiro. Esse dado nos levou à obra de Azevedo (1981) que descreve as regras que dirigiam o namoro antigo, do final do século XIX e início do século XX, na sociedade brasileira. Não sem surpresa, encontramos um padrão bastante próximo com relação à idéia de compromisso. Segundo o autor, após um período inicial de namoro, havia a exigência em torno da declaração, que na época deveria ser verbalmente explicitada pelo homem, sobre a seriedade de seu compromisso com a parceira e com a intenção de casamento. Através de nossa pesquisa, a expectativa referente a essa declaração, embora contendo menos um caráter de obrigatoriedade, e sendo da responsabilidade de ambos os parceiros, apresentou-se também como fundamental. É interessante notar que essa postura hoje, perdendo sua característica original de norma social, continua a ter importância no mapeamento do relacionamento de namoro, através de uma opção, implicitamente sugerida, e que deve ser igualmente partilhada pelos parceiros. A disposição de planejar conjuntamente, principalmente sobre casamento e constituição de família, é uma forma de declaração do compromisso valorizado pelos informantes.

Um traço importante contido nos discursos e, que perpassou toda a pesquisa, foi o que se refere à relação entre as perspectivas do ideal e do real. Assim como afirma DaMatta (1987), o ideal assume uma centralidade maior na sociedade brasileira, tendo sido expresso nas entrevistas, sobretudo com relação às expectativas voltadas ao comportamento dos gêneros. Se por um lado, é difícil hoje exigir uma postura do parceiro em função de normas de gênero, por outro, há uma marcante idealização direcionada ao comportamento sexual. Em outras passagens das entrevistas, como a explicitada acima acerca do pragmatismo que envolve a defesa dos projetos do casal, o senso de “realidade” foi radicalizado a

ponto de antecipar situações e objetivos distanciados no tempo. Nesse sentido, essa “realidade” antecipada se contrapõe a qualquer forma de idealização romântica.

Atribuímos a pluralidade de representações referentes aos paradigmas da relação de namoro, expressos nas entrevistas, a mecanismos tais como o contido na expressão “filosofia do acontecimento”, em que as variáveis se estabelecem durante a relação, e também a outros processos como o de subjetivação das relações pessoais, de reflexividade, trajetória do eu, e normatização interna das condutas afetivas e sexuais. Esses processos produzem, continuamente, ressignificações na vida dos sujeitos, estabelecendo novos parâmetros também para a relação amorosa. Trata-se de um cenário complexo, já que multifacetado e inscrito nas subjetividades.